

# UMA LEITURA TOMISTA SOBRE A SOLIDÃO E A AMIZADE À LUZ DA “ÉTICA A NICÔMACO” DE ARISTÓTELES E EM DIÁLOGO COM O MUNDO CONTEMPORÂNEO<sup>1</sup>

## A Thomistic Reading on Solitude and Friendship according to Aristotle’s Nicomachean Ethics and in Dialogue with the Contemporary World

*Felipe de Azevedo Ramos, EP<sup>2</sup>*

### **Resumo**

O tema da amizade é tratado longamente por Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (livros VIII-IX), com apenas algumas referências indiretas à solidão. A relação entre amizade e solidão é abordada também colateralmente por São Tomás de Aquino em suas obras. Ora, segundo a perspectiva do artigo, para se compreender bem a amizade, é necessário abordar o seu oposto por ausência, isto é, a solidão. Este estudo não se detém somente na reflexão aristotélico-tomista, mas também recorre a estudos contemporâneos, em particular no campo da psicologia, que confirmam muitas das teses do Estagirita e do Aquinate, além de abrir caminhos para novas reflexões. Nessa direção, são levantadas seis questões que partem da ideia do naturalismo da amizade até chegar à questão da quantidade de amigos que eventualmente seriam necessários para cada homem.

Palavras-chave: amizade; solidão; natural; inimizades; animal político; virtude; matrimônio.

### **Abstract**

The theme of friendship is dealt with at length by Aristotle in the *Nicomachean Ethics* (books VIII-IX), with only a few indirect references to loneliness. The relationship between friendship and loneliness is also indirectly addressed by St. Thomas Aquinas. From the perspective of this article, in order to understand friendship well, it is necessary to outline its opposite by absence, that is loneliness. This study is articulated not only from the Aristotelian-Thomistic reflection, but also draws support from contemporary studies, that confirm many of the theses of the Stagirite and the Aquinate and that open paths for new reflections. In this

1) As citações sem menção do autor referem-se sempre a Tomás de Aquino.

2) Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università San Tommaso d’Aquino (*Angelicum*, Roma), com pós-graduação em Estudos Medievais (Diplôme Européen d’Études Médiévales – FIDEM) e professor no IFAT.

pursuit, six questions are raised based on the idea of the naturalism of friendship to the number of friends that would be eventually needed for each man.

Keywords: friendship; loneliness; natural; enmities; political animal; virtue; marriage.

## Introdução

A amizade sempre foi matéria de reflexão não apenas dos filósofos, mas também dos poetas, literatos e intelectuais em geral. A abordagem de Aristóteles na *Ética a Nicômaco* (séc. IV a.C.) é bastante original e foi objeto de comentários em todos os tempos, como o de São Tomás de Aquino, no século XIII. O Aquinate, ademais, acrescentou à perspectiva aristotélica muitos elementos do pensamento cristão acerca do tema.

Existem inúmeros estudos sobre a amizade, seja segundo a abordagem aristotélica, seja segundo a visão tomista.<sup>3</sup> No entanto, há poucas referências

---

3) Para a abordagem tomista, cf. e.g.: BOND, L. M. A Comparison Between Human and Divine Friendship. *The Thomist*, v. 3, 1941, p. 54-94. BROWN, C. "Friendship in Heaven. Aquinas on Supremely Perfect Happiness and the Communion of the Saints". In: TIMPE, K. (ed.). *Metaphysics and God: Essays in Honor of Eleonore Stump* (Routledge Studies in the Philosophy of Religion). London: Routledge, 2009, p. 225-248. DANDER, F. Grundsätzliches zur Auffassung der Freundschaft nach der Lehre des hl. Thomas von Aquin. *Zeitschrift für Ascese und Mystik*, v. 6, 1931, p. 132-145. FARRELL, M. T. Thomas Aquinas and Friendship with God. *Irish Theological Quarterly*, v. 61, 1995, p. 212-218. GALLAGHER, D. M. Desire for Beatitude and Love of Friendship in Thomas Aquinas. *Mediaeval Studies*, v. 58, 1996, p. 1-47. \_\_\_\_\_. Thomas Aquinas on Self-Love as the Basis for Love of Others. *Acta philosophica*, v. 8, 1999, p. 23-44. GILLON, L.-B. À propos de la théorie thomiste de l'amitié «fundatur super aliqua communicatione» (II-II, q. 23, q. 1). *Angelicum*, v. 25, 1948, p. 3-17. HUGHES, L. M. Charity as Friendship in the Theology of Saint Thomas. *Angelicum*, v. 52, 1975, p. 164-175. JONES, L. G. The Theological Transformation of Aristotelian Friendship in the Thought of St. Thomas Aquinas. *New Scholasticism*, v. 61, 1987, p. 373-399. KEATY, A. W. Thomas's Authority for Identifying Charity as Friendship: Aristotle or John 15? *The Thomist*, v. 62, 1998, p. 581-601. MAJKRZAK, H. Amore, amicizia e carità in San Tommaso d'Aquino. *Forum philosophicum*, v. 11, 2006, p. 119-131. MANZANEDO, M. F. La amistad en la filosofía greco-romana. *Angelicum*, v. 70, 1993, p. 331-336. \_\_\_\_\_. La amistad según santo Tomás. *Angelicum*, v. 71, 1994, p. 371-426. MCEVOY, J. Amitié, attirance et amour chez S. Thomas d'Aquin. *Revue Philosophique de Louvain*, v. 91, 1993, p. 383-408. \_\_\_\_\_. „Freundschaft und Liebe (S. Th. I-II, qq. 26-28, und II-II, qq. 23-46)“. In: SPEER, A. *Thomas von Aquin: Die Summa theologiae, Werkinterpretationen*. Berlin: De Gruyter, 2005. PANGLE, L. S. *Aristotle and the Philosophy of Friendship*. Cambridge: CUP, 2002. PORTER, J. De Ordine Caritatis: Charity, Friendship, and Justice in Thomas Aquinas' Summa Theologiae. *The Thomist*, v. 53, 1989, p. 197-213. PORZECANSKI, D. S. Friendship and the Circumstances of Justice According to Aquinas. *The Review of Politics*, v. 66, 2004, p. 35-54. RIVERA SIBAJA, A. *El amor de amistad en Santo Tomás*. Tesis de doctorado. Pamplona: Universidad de Navarra, 2003. RYBKA, R. Il ruolo della carità nella vita della società politica secondo San Tommaso d'Aquino. *Angelicum*, v. 82, 2005, p. 55-75. SAVAGNONE, G. L'amicizia nel pensiero di S. Tommaso d'Aquino. *Sapienza*, v. 34, 1981, p. 431-441. SCHWARTZ, D. *Aquinas on Friendship*. Oxford: Clarendon, 2007. SIMON, B. L'amicizia secondo San Tommaso. *Sacra Dottrina*, v. 34, 1989, p. 173-196. STERN-GILLET, S.; GURTLER, G. M. (ed.). *Ancient and Medieval Concepts of Friendship*. Albany: State University of New York Press, 2014. TORRELL, J.-P. La charité comme amitié chez saint Thomas d'Aquin. *La Vie Spirituelle*, v. 155, 2001, p. 265-283. YAMAMOTO, Y. Thomas Aquinas on the Ontology of Amicitia. *Proceedings of the American Catholic Philosophical Association*, v. 81, 2007, p. 251-262.

ao tema da solidão, que parece ser essencial para compreender a amizade. Ademais, é menos frequente a análise do fenômeno conforme a perspectiva hodierna, sobretudo se considerarmos a questão das novas tecnologias.

Nessa esteira, o presente artigo pretende abordar o tema da amizade e a sua relação com a solidão, tendo como base a obra *Ética a Nicômaco* (em particular os livros VIII e IX) e o comentário de São Tomás de Aquino, em diálogo com o mundo contemporâneo, a partir de seis questões fundamentais.

### ***É natural termos amigos?***

O instinto de sociabilidade é uma das características mais distintivas da natureza humana. O homem, como ensinou Aristóteles, é um animal político (em latim: *animale civile*),<sup>4</sup> ou seja, vive numa *pólis* (cidade) para conviver com os demais.<sup>5</sup> Os animais irracionais, por sua vez, unem-se por mero gregarismo e, por isso mesmo, são incapazes de formar sociedades, mas apenas coletividades (manadas, matilhas, rebanhos, etc.).

Ora, para compreender aquilo que pertence à natureza humana, cabe esclarecer primeiramente o que se entende por “natureza”. Como o próprio nome enuncia, trata-se daquilo que é intrínseco ao ser (natural), ou seja, o que compete ao sujeito de modo inerente. Por exemplo, se é natural que a maioria das aves possuam asas aptas para voar, é intrínseco que cumpram com esta função. Para diferenciar o natural do adquirido no gênero humano, cabe a seguinte comparação: é *natural* que o homem se comunique pela linguagem, mas trata-se de algo *adquirido* que seja por meio deste ou daquele idioma, dependendo do contexto social.

Nesse diapasão, considerando que os homens possuem o instinto de sociabilidade, é natural também que vivam em sociedade, até mesmo para a própria sobrevivência. Viver de modo completamente isolado seria sem dúvida inviável. No entanto, o referido instinto deve ser completado de modo *adquirido* no convívio com outros seres humanos, inclusive para o próprio desenvolvimento físico e psíquico, bem como para cumprir as mais básicas necessidades vitais.<sup>6</sup> Como evidência empírica, basta recordar os

---

4) ARISTÓTELES. *Política*, I, 2 (1253a2-3): ὁ ἄνθρωπος φύσει πολιτικὸν ζῷον.

5) Cf. *Sent. Pol.*, I, l. 1, n. 24.

6) Cf. *De regno*, I, cap. 2, co.: “Cum autem homini competat in multitudine vivere, quia sibi non sufficit ad necessaria vitae si solitarius maneat, oportet quod tanto sit perfectior multitudinis societas, quanto magis per se sufficiens erit ad necessaria vitae”.

graves danos mentais ocasionados em crianças absolutamente afastadas da sociedade. Entre as inúmeras histórias clássicas, a mais famosa é a do menino abandonado de Aveyron (†1828),<sup>7</sup> criado por lobos durante a infância. Após ser descoberto por um grupo de caçadores, constataram-se irreversíveis danos comportamentais, como problemas de fala, de convívio social, locomoção quadrúpede, entre outros.<sup>8</sup> Pois bem, o instinto de sociabilidade, como todos os instintos, possui uma dimensão adquirida. Neste caso, realiza-se no próprio convívio com os demais, por uma certa concórdia (literalmente: uma sintonia de corações).

A necessidade da amizade pode ser ainda provada começando do patamar de cima para baixo, ou seja, a partir da vida em sociedade (política). Conforme a doutrina tomista, há tanto mais paz numa comunidade quanto mais se evita a discórdia, maior flagelo da vida social.<sup>9</sup> A harmonia política, por sua vez, existe antes de tudo pelos vínculos de amizade. Por isso, é possível afirmar que é também natural fazer amigos em sociedade, para a própria conservação dela. É evidente, por fim, que os governos se abalam quando as amizades – em todos os níveis – se dessoram: as inimizades internas trazem guerras civis, e as externas, conflitos bélicos em larga escala.

Na realidade, não há maior bem para a sociedade civil do que a amizade: ela é um bem em si mesmo, amada como se fosse algo próprio.<sup>10</sup> Por esse motivo, as leis deveriam promover antes de tudo a amizade entre os indivíduos,<sup>11</sup> antes mesmo do que a própria justiça entre eles.<sup>12</sup> A razão é muito simples: quando existe autêntica amizade, a justiça se realiza por si mesma.<sup>13</sup>

---

7) Victor de Aveyron, nascido por volta do ano 1788, é considerado uma criança feral (*feral child*). Tendo sido abandonado na tenra infância num bosque pelos pais alcoólicos, foi criado e nutrido por uma alcateia de lobos e encontrado por um grupo de caçadores com a idade de 9-10 anos. Sua história foi largamente romanceada e objeto de inúmeras investigações.

8) Cf. e.g. McNEIL, Mary Charles; POLLOWAY, Edward A.; SMITH, J. David. Feral and Isolated Children: Historical Review and Analysis. *Education and Training of the Mentally Retarded*, v. 19, 1984, p. 70-79.

9) Cf. *In Sent.*, III, d. 27, q. 2, a. 1, ad 6: “[P]ax ad concordiam reducitur: nisi quod magis pax dicitur quantum ad remotionem discordiae, concordia autem quantum ad ipsam unionem”.

10) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 5 (1157b33-34).

11) Cf. *Sent. Pol.*, II, l. 3, n. 5: “[A]micitia sit maximum bonum in civitatibus; quia si sit amicitia inter cives, minime facient seditiones; et ad hoc intendunt omnes legislatores, ut civitas sit sine seditioibus. Unde omnes, qui ponunt rectas leges, ad hoc tendunt, ut sit amicitia inter omnes cives”.

12) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 1 (1155a22-23).

13) Cf. *ibid.* (1155a26-27).

Além disso, para São Tomás, ao contrário do que muito se propaga, o maior bem-estar social não se encontra na concentração de riqueza material, mas sim nas amizades, meio mais eficaz para a conservação das cidades (e da própria cidadania).<sup>14</sup> Ora, sendo o bem eminentemente comunicativo, as amizades proporcionam antes de tudo a distribuição de bens entre os cidadãos. Em outras palavras, o mais importante na sociedade é promover a bondade de seus membros. Portanto, o papel do príncipe (ou melhor, de qualquer governante) é antes de tudo criar condições para dita intercomunicação de bens.<sup>15</sup> De resto, convém ressaltar ainda que a amizade de caridade se baseia na comunicação do bem, por participação do Sumo Bem, isto é, de Deus.<sup>16</sup>

De outro ponto de vista, as próprias cidades favorecem a conservação das amizades. Por uma razão muito simples: sem a proximidade física entre as pessoas seria inviável o encontro dos amigos. E é claro que as melhores amizades se formam e se conservam na proximidade de seus membros. Com efeito, para Aristóteles, a comunhão (*koinonia*) é o próprio fundamento da amizade.<sup>17</sup>

Essa interrelação entre os indivíduos ocorre sobretudo pelo vínculo do amor. Com efeito, conforme recorda Santo Agostinho, não há nada que o homem mais deseja e se deleita do que amar e ser amado.<sup>18</sup> O próprio vocábulo “amizade” é originário do latim *amicitia*, que por sua vez é cognato a “amor”, na interpretação ciceroniana.<sup>19</sup> O próprio instinto de sociabilidade tem a sua raiz nesse desejo natural de amar e ser amado. Por isso, a falta de amigos é considerada por Aristóteles – ao lado da infâmia, da pobreza, da doença e da morte – como um dos males que mais tememos.<sup>20</sup>

Por tudo isso, pois, conclui-se que é natural ter amigos.

---

14) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 1 (Leon. 47.2, 443:82-83): “...per amicitiam videntur conservari civitates”.

15) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 26, a. 2, co.: “[U]naquaque amicitia respicit principaliter illud in quo principaliter invenitur illud bonum super cuius communicatione fundatur, sicut amicitia politica principaliter respicit principem civitatis, a quo totum bonum commune civitatis dependet; unde et ei maxime debetur fides et obedientia a civibus”.

16) Cf. *ibid.*: “Amicitia autem caritatis fundatur super communicatione beatitudinis, quae consistit essentialiter in Deo sicut in primo principio, a quo derivatur in omnes qui sunt beatitudinis capaces”.

17) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 9 (1159b27-30).

18) Cf. AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*, II, 2, 2 (CCL 27, 18:11): “Et quid erat, quod me delectabat, nisi amare et amari?”

19) Cf. CÍCERO, Marco Túlio. *Laelius de amicitia*, n. 26: “Amor enim, ex quo amicitia nominata est, princeps est ad benevolentiam coniungendam”. G. F. Powell (ed.). New York: Oxford University Press, 2006, p. 332.

20) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, III, 6 (1115a10-11).

## ***A solidão é sempre oposta à amizade?***

Atualmente se verifica um fenômeno muito peculiar, talvez inimaginável para os filósofos da Antiguidade. Na hodierna sociedade globalizada, como o próprio nome sugere, há sempre maiores oportunidades de formar novas amizades. As mídias sociais e a velocidade da informação proporcionam sem dúvida maior facilidade na interação entre os indivíduos. Entretanto, é possível afirmar que há hoje mais amizades que em outros tempos?

Primeiramente, vale notar que a amizade exige, como é óbvio, o consórcio de duas ou mais pessoas. Não há, é claro, amizade para consigo mesmo (apenas amor), ou para com os animais irracionais ou seres inanimados.<sup>21</sup> Por exemplo, pode-se ter apreço por um gato, mas jamais amizade, pois ele é incapaz de retribuir de modo recíproco.

Mas o problema aqui seria o seguinte: o que caracterizaria a abundância ou a falta de amizades?

É evidente que não há amizade quando há inimizade. Contudo, a ausência de amizade é mais propriamente assinalada pelo fenômeno da solidão, conforme a sentença de Elredo de Rievaulx: “Apenas está absolutamente sozinho aquele que não tem amigos”.<sup>22</sup> Ora, para evitar a solidão nada melhor do que a conexão e a consonância no amor, isto é, a própria amizade.<sup>23</sup>

Assim, para verificar se existem hoje mais vínculos de amizade do que outrora, convém nos perguntarmos a respeito da maior ou menor existência da solidão.

Pesquisas recentes revelam (e a experiência evidencia) que o fenômeno da solidão tem se tornado cada vez mais frequente. Vários autores de distintas áreas do saber chegam a argumentar que o isolamento seria um dos mais graves problemas atuais de saúde pública, reputando até mesmo que se trata da mais recente epidemia.<sup>24</sup> No Reino Unido, criou-se recentemente (2018) um inédito “Ministério da Solidão” (“The Ministry of Loneliness”). De fato, estudos comprovam que a solidão está associada aos mais danosos problemas de saúde (como o risco de infarto e a pressão alta), à depressão e até ao

---

21) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 2, 7.

22) ELREDO DE RIEVAULX. *De spirituali amicitia*, cap. V. “Solus omnino est, qui sine amico est”.

23) Cf. *De pot.*, q. 9, a. 8, co.: “...contra solitarium, consonantiam et connexionem amoris”.

24) Cf. WORLAND, Justin. Why Loneliness May Be the Next Big Public-Health Issue. *Time*, 18 de mar. 2015. Disponível em: <<http://time.com/3747784/lonelinessmortality/>>. Acesso em 3 de jul. 2018. LEE, Ellen E., et al. High Prevalence and Adverse Health Effects of Loneliness in Community-Dwelling Adults across the Lifespan: Role of Wisdom as a Protective Factor. *International Psychogeriatrics*, s.v., 2018, p. 1-16.

aumento do risco de suicídio.<sup>25</sup> Destarte, os efeitos da solidão na redução da expectativa de vida são equivalentes aos verificados naqueles que fumam 15 cigarros por dia.<sup>26</sup>

Há outros autores, porém, que rejeitam a tese da “epidemia” de solidão no mundo contemporâneo, defendendo a importância do isolamento. Com efeito, para eles, os melhores momentos de nossas vidas ocorreriam em modo solitário. Ademais, argumentam que a solidão tem impacto diferente em cada indivíduo.<sup>27</sup>

Na realidade, há aqui uma falsa dicotomia. Não há contradição entre o naturalismo da vida social (“animal político”) e a vida isolada<sup>28</sup> (que chamaríamos de modo positivo de “solitude”).<sup>29</sup> Com efeito, o ser humano tem efetivamente necessidade de ao menos alguns momentos de isolamento, sobretudo com vistas à contemplação (poder-se-ia cunhar aqui a expressão: o homem é também um “animal contemplativo”).<sup>30</sup> Seja como for, é também um fato que a vida solitária, do ponto de vista religioso, é mais perfeita que a própria vida comunitária.<sup>31</sup>

25) Cf. e.g. WILSON, R.S.; KRUEGER, K.R.; ARNOLD, S.E.; et al. Loneliness and Risk of Alzheimer Disease. *Archives of General Psychiatry*, v. 64, 2007, p. 234-240. CACIOPPO, J.T.; HUGHES, M.E.; WAITE, L.J.; HAWKLEY, L.C.; THISTED, R.A. Loneliness as a Specific Risk Factor for Depressive Symptoms: Cross-Sectional and Longitudinal Analyses. *Psychology and Aging*, v. 21, 2006, p. 140-151. HALL-LANDE, J.; EISENBERG, M.; CHRISTENSON, S.; NEUMARK-SZTAINER, D. Social Isolation, Psychological Health, and Protective Factors in Adolescence. *Adolescence*, v. 42, 2007, p. 265-286. SCHINKA, K.; VANDULMEN, M.; BOSSARTE, R.; SWAHN, M. Association between Loneliness and Suicidality during Middle Childhood and Adolescence: Longitudinal Effects and the Role of Demographic Characteristics. *The Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, v. 146, 2012, p. 105-118. HOLT-LUNSTAD, J.; SMITH, T. B.; BAKER, M.; HARRIS, T.; STEPHENSON, D. Loneliness and Social Isolation as Risk Factors for Mortality. *Perspectives on Psychological Science*, v. 10, 2015, p. 227-237.

26) LEE, Ellen E., et al. High Prevalence and Adverse Health Effects of Loneliness in Community-Dwelling Adults across the Lifespan: Role of Wisdom as a Protective Factor. *International Psychogeriatrics*, s.v., 2018, p. 2.

27) Sobre isso, cf. e.g.: SVENDSEN, Lars. *A Philosophy of Loneliness*. London: Reaktion Books, 2017.

28) Cf. *Sent. Pol.*, III, 5, 4: “[H]omo naturaliter est animal civile; et ideo homines appetunt adinvicem convivere et non esse solitarii, etiam si in nullo unus alio indigeret ad hoc quod ducerent vitam politicam: sed tamen magna utilitas est communis in communione vitae socialis”.

29) Sobre isso cf. e.g. LONG, Christopher R.; AVERILL, James R. Solitude: An Exploration of Benefits of Being Alone. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, v. 33, 1, 2003, p. 21-44.

30) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 188, a. 8, ad 4: “Ad quantum dicendum quod, sicut Augustinus dicit, in XIX de Civ. Dei, a studio cognoscendae veritatis nemo prohibetur, quod ad laudabile pertinet otium. Quod autem aliquis super candelabrum ponatur, non pertinet ad ipsum, sed ad eius superiores. Quae sarcina si non imponatur, ut Augustinus ibidem subdit, contemplandae veritati vacandum est, ad quam plurimum valet solitudo. Et tamen illi qui solitariam vitam agunt, multum utiles sunt generi humano”.

31) *Ibid.*, s.c.

Todavia, nesse âmbito, o Aquinate destaca que a solidão “não é a própria essência da perfeição” e “não é instrumento congruente para a ação”, sendo antes de tudo “conveniente às vidas religiosas dedicadas à contemplação”.<sup>32</sup> É uma via, pois, para quem já alcançou certa plenitude na vida espiritual. Não é um *meio*, mas uma espécie de repouso obtido após alcançar a meta (a perfeição). Por isso, acrescenta: “É preciso considerar que o solitário deve ser capaz de bastar-se a si mesmo. Isso supõe que ‘nada lhe falta’, o que é da razão do perfeito. Por conseguinte, o deserto convém ao *contemplativo que já atingiu a perfeição*”.<sup>33</sup> Em seguida, explica que a vida solitária não é a via habitual: é um dom divino (como no caso de João Batista) ou que nasce após constantes atos virtuosos. A própria vida virtuosa é alcançada precisamente graças à companhia dos amigos. Continua ainda o Doutor Angélico:

Para esse exercício da vida virtuosa, o homem é ajudado em sociedade por outros de duas maneiras: primeiro, quanto ao intelecto, para que seja instruído a respeito do objeto da contemplação. Como diz Jerônimo: “Agrada-me que tenhas uma santa companhia e que não te ensines a ti mesmo”. – Segundo, quanto à vontade, para que as afeições nocivas sejam reprimidas pelo exemplo e a correção dados pelos outros. [...] Por isso a vida em sociedade é necessária para o exercício da perfeição, enquanto a solidão convém àqueles que já são perfeitos.<sup>34</sup>

Portanto, para São Tomás a solidão não é um meio ordinário para alcançar a perfeição, mas antes o contrário: somente aqueles que já alcançaram uma vida virtuosa podem exercitar-se convenientemente no deserto. Por isso, pondera:

Assim como a perfeição adquirida é superior ao aprendizado da perfeição, assim também a vida solitária, se é assumida como deve ser, é superior à vida social. Mas, esse gênero de vida é extremamente perigoso para quem o assume sem se ter previamente exercitado. A menos que a graça divina

---

32) Ibid., co.

33) Ibid. (grifo nosso): “Considerandum tamen est quod id quod est solitarium, debet esse sibi per se sufficiens. Hoc autem est cui nihil deest, quod pertinet ad rationem perfecti. Et ideo solitudo competit contemplanti qui iam ad perfectum pervenit”.

34) Ibid.: “Ad exercitium autem huiusmodi iuvatur homo ex aliorum societate, dupliciter. Uno modo, quantum ad intellectum, ut instruatur in his quae sunt contemplanda, unde Hieronymus dicit, ad rusticum monachum, mihi placet ut habeas sacrum contubernium, nec ipse te doceas. Secundo, quantum ad affectum, ut scilicet noxiae affectiones hominis reprimantur exemplo et correctione aliorum. [...] Et ideo vita socialis necessaria est ad exercitium perfectionis, solitudo autem competit iam perfectis”.



venha suprir o que se adquire pelo exercício, como no caso dos Santos Antão e Bento.<sup>35</sup>

Quanto a essa citação, vale ressaltar que o Aquinate apresenta uma importante ressalva com relação à vida solitária: é necessário que seja “assumida como deve ser”. Por isso, fica pressuposto que ela não seja adotada, por exemplo, com finalidades egoísticas ou para fugir do jugo da obediência. Por essa razão, esse gênero de vida pode ser “extremamente perigoso”, pois, se exercitado de modo inadequado, e se não for fruto de uma graça especial, pode constituir impedimento para alcançar a perfeição, obtida com o auxílio dos demais (pelo bom exemplo, pela educação das virtudes, etc.).<sup>36</sup>

Ademais, explica ainda o Doutor Angélico, se o homem fosse um animal solitário, seria suficiente viver segundo as paixões da alma, ou seja, sem necessidade de transmitir aos outros seus sentimentos ou pensamentos. Todavia, como possui o dom da linguagem por natureza, pode comunicar-se com os demais através de determinado idioma e conviver humanamente com eles.<sup>37</sup> Ele argumenta ainda que o fim da Encarnação não se cumpriria se Cristo vivesse uma vida (inteiramente) solitária. Por isso, foi muito conveniente que o próprio Filho de Deus convivesse com os homens.<sup>38</sup>

Como exceção, porém, São Tomás esclarece, baseando-se na *Política* de Aristóteles, que há apenas duas vias que justificam a vida completamente solitária.

Em primeiro lugar, considera que existem pessoas insuportáveis para o convívio da sociedade humana, por seu ânimo feroz/cruel (*propter animi saevitiam*). Esse tipo de comportamento é reputado como animalesco

---

35) Ibid.: “Sicut igitur id quod iam perfectum est, praeeminet ei quod ad perfectionem exercetur; ita vita solitariorum, si debite assumatur, praeeminet vitae sociali. Si autem absque praecedenti exercitio talis vita assumatur, est periculosissima, nisi per divinam gratiam suppleatur quod in aliis per exercitium acquiritur, sicut patet de beatis Antonio et Benedicto”.

36) Sobre a comparação entre a vida do monge no deserto e um pastor de almas cf. *De perfectione spiritualis vitae*, cap. 20, co.; cap. 26, co.

37) Cf. *Exp. Per.*, I, 2, 2: “Et si quidem homo esset naturaliter animal solitarium, sufficerent sibi animae passiones, quibus ipsis rebus conformaretur, ut earum notitiam in se haberet; sed quia homo est animal naturaliter politicum et sociale, necesse fuit quod conceptiones unius hominis innotescerent aliis, quod fit per vocem; et ideo necesse fuit esse voces significativas, ad hoc quod homines ad invicem viverent. Unde illi, qui sunt diversarum linguarum, non possunt bene convivere ad invicem”.

38) Cf. *S. Th.*, III, q. 40, a. 2, co.: “Respondeo dicendum quod sicut dictum est, congruum erat incarnationis fini ut Christus non ageret solitariam vitam, sed cum hominibus conversaretur. Qui autem cum aliquibus conversatur, convenientissimum est ut se eis in conversatione conformet, secundum illud apostoli, I Cor. IX, omnibus omnia factus sum”.

(*bestiale*).<sup>39</sup> Em outras palavras, aquele que é incapaz de conviver com os homens, por sua extrema perversidade, estaria como que abaixo da humanidade, tornando-se semelhante a um animal selvagem por suas ações (*est peior quam homo, et quasi bestia*).<sup>40</sup> Este é o caso de certos criminosos que agem como animais ou ainda pior que eles (matando sadicamente a própria mãe, por exemplo).

Em segundo lugar, a solidão seria adequada quando se está inteiramente unido às coisas divinas. Neste caso, como já se mencionou, tratar-se-ia de um homem perfeito, ou mesmo de alguém que se elevou tanto na virtude que superou a própria humanidade. Tornando-se autossuficiente, seria assim denominado um homem divino (*divinus vir*) – na realidade, porém, só Deus é autossuficiente em absoluto.<sup>41</sup> É nessa perspectiva que se encaixa a célebre expressão aristotélica,<sup>42</sup> citada por São Tomás: “Quem não se comunica com os demais ou é um animal ou é um deus” (*ille qui aliis non communicat, est bestia aut deus*).<sup>43</sup> Para ilustrar, vale recordar que, entre os monges do Egito, os que se dirigiam aos desertos para levar vida solitária eram considerados os mais perfeitos.<sup>44</sup> De fato, só os perfeitos são capazes de suportar a vida totalmente isolada.

Em suma, do ponto de vista natural, o homem sempre necessitará do auxílio dos demais para prover seus bens temporais de sobrevivência, bem como para o seu desenvolvimento físico e psíquico. Num plano mais alto, necessita receber instruções, conselhos e diretrizes para empreender a vida humana. No âmbito sobrenatural, precisa ainda dos demais para alcançar a perfeição, embora esse auxílio possa ser recebido de modo direto por um

---

39) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 188, a. 8, ad 5: “Ad quantum dicendum quod homo potest solitarius vivere dupliciter. Uno modo, quasi societatem humanam non ferens propter animi saevitiam, et hoc est bestiale”.

40) *Sent. Pol.*, I, 1, 31.

41) Cf. *Super De Trin.*, I, q. 1, a. 4, ad 5: “Ad quantum dicendum quod ex hoc homo non potest habere vitam iucundam sine consortio, quia non habet in se unde sibi quantum ad omnia sufficiat. Et propter hoc animalia, quae habent in se singula, unde sibi sufficiant, consortium vitae non requirunt, sed sunt solitaria. Deus autem maxime est sibi sufficiens, unde remota distinctione personarum adhuc manet in eo summa iucunditas”.

42) ARISTÓTELES. *Política*, I, 2 (1253a27-30).

43) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 188, a. 8, ad 5: “Alio modo, per hoc quod totaliter divinis rebus inhaeret, et hoc est supra hominem. Et ideo Philosophus dicit, in I polit., quod ille qui aliis non communicat, est bestia aut Deus, idest divinus vir”. Cf. etiam: *Sent. Pol.*, I, 1, 31: “Si vero nullo indigeat, et (sit) quasi habens per se sufficientiam, et propter hoc non sit pars civitatis, est melior quam homo”.

44) Cf. *Contra impugnantes*, II, cap. 5, co.: “Inter monachos Aegypti, de quibus in vitis patrum legitur, illi perfectiores reputabantur qui in eremo solitariam vitam agebant, quos constat in eremo possessiones nullas habuisse”.

Outro, isto é, o próprio Deus pode infundir a graça da solidão (o deserto) por intermédio de dons sobrenaturais. O homem, nessa situação, se “divinizaria”.<sup>45</sup> Em outras palavras, para estes só Deus basta, pois já alcançaram a santidade.

### ***Mais amigos virtuais significa mais amigos reais?***

Como ficou patente, a solidão não é o meio ordinário de adquirir virtudes. Antes, o isolamento em quem não alcançou a perfeição pode ser consequência da degradação humana (“animalização”), quando o convívio torna-se propriamente insuportável. Este é o caso, por exemplo, de certos criminosos inveterados, conforme já se mencionou mais acima. Mesmo encarcerados são incapazes de conviver com outros presos, sob pena de se associarem a eles para cometer ainda maior número de crimes ou mesmo agredi-los ou assassiná-los.<sup>46</sup> Em contrapartida, as celas solitárias (*solitary confinement*) podem trazer ainda maiores danos psíquicos, pois o completo isolamento é extremamente prejudicial para a saúde.<sup>47</sup>

Na realidade estamos diante de um círculo vicioso: estudos indicam que a solidão está na raiz de muitos crimes, como os de abuso sexual (estupro, em particular),<sup>48</sup> abuso de substâncias entorpecentes, comportamento violento, entre outros.<sup>49</sup> Além disso, os níveis de depressão (o que outrora chamávamos de “tristeza”) são maiores nos indivíduos afastados do relacionamento

---

45) Cf. etiam: *Sent. Eth.*, I, 9, (Leon. 47.1, 32: 147-156): “Dicitur autem esse per se sufficiens bonum non quia sit sufficiens soli uni homini viventi vitam solitariam, sed parentibus et filiis et uxori et amicis et civibus, ut scilicet sufficiat eis et in temporalibus providere, necessaria auxilia ministrando, et etiam in spiritualibus, instruendo vel consiliando; et hoc ideo quia homo naturaliter est animai civile, et ideo non sufficit suo desiderio quod sibi provideat, sed etiam quod possit aliis providere”.

46) Um caso famoso foi o de Robert Hillary Wilkerson King, membro do grupo político Panteras Negras, encarcerado numa solitária por 29 anos (1973-2001), após ter sido acusado pelo assassinato de um companheiro de cela.

47) Para um breve estudo internacional sobre o assunto cf. SMITH, Peter Scharff. The Effects of Solitary Confinement on Prison Inmates: A Brief History and Review of the Literature. *Crime and Justice*, v. 34, 2006, p. 441-528.

48) Cf. BUMBY, Kurt M.; HANSEN, David J. Intimacy Deficits, Fear of Intimacy, and Loneliness among Sexual Offenders. *Criminal Justice and Behavior*: v. 24, n. 3, 1997, p. 315-331.

49) Cf. MARTENS, Willem H. J.; PALERMO, George B. Loneliness and Associated Violent Antisocial Behavior: Analysis of the Case Reports of Jeffrey Dahmer and Dennis Nilsen. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, v. 49, n. 3, 2005, p. 298-307. ROKACH, A. Criminal Offense Type and the Causes of Loneliness. *The Journal of Psychology*, v. 135, n. 3, 2001, p. 277-291. \_\_\_\_\_, Determinants of Loneliness of Young Adult Drug Users. *The Journal of Psychology*, v. 136, n. 6, 2002, p. 613-630.

humano.<sup>50</sup> Nesse sentido, pode-se afirmar que a tristeza gera a solidão e vice-versa. Do ponto de vista espiritual, São Tomás sublinha que as tentações ocorrem sobretudo quando se está desacompanhado (o próprio Cristo ressaltou esse fato, pois estava sozinho durante as tentações no deserto).<sup>51</sup> Como alerta o Eclesiastes (4,10): *vae soli!* – ai dos solitários!

É evidente que hoje há inúmeros componentes tecnológicos que influenciam a formação das amizades. Mas, ao contrário do que possa parecer, as redes sociais nem sempre são remédio adequado para combater a solidão. Antes, podem até ser a causa dela.<sup>52</sup> Na realidade, a internet pode causar um outro círculo vicioso, quando favorece o afastamento do convívio *real* com os amigos. De fato, não é raro hoje o vício do uso excessivo da internet (uma forma de isolamento).<sup>53</sup> Na verdade, a interação *virtual* não pode ser considerada “convívio” (é apenas “simulada”, como o próprio nome sugere). Tal adição, como se tem comprovado, prejudica o convívio amistoso no mundo *real*.<sup>54</sup>

Além disso, saliente-se que a abundância de supostos amigos em redes sociais não afasta necessariamente a solidão (e muito menos significa que os inscritos em determinado “canal” sejam autênticos amigos). De todos os modos, o simples fato de compartilhar informações pessoais ou mesmo íntimas para conhecidos pode induzir a imaginar que eles são amigos de verdade, criando um falso sentimento de segurança e popularidade. Entretanto, uma das condições para a existência e a conservação da amizade – como já defendia Aristóteles no livro VIII da *Ética a Nicômaco* – é a reciprocidade (e por isso exige-se o convívio). Portanto, a amizade puramente virtual não pode ser considerada amizade *stricto sensu*, precisamente porque

---

50) Cf. e.g. ALPASS, F. M.; NEVILLE, S. Loneliness, health and depression in older males. *Aging & Mental Health*, v. 7(3), May 2003, p. 212-216.

51) Cf. *S. Th.*, III, q. 41, a. 2, co.: “Respondeo dicendum quod, sicut dictum est, Christus propria voluntate se Diabolo exhibuit ad tentandum, sicut etiam propria voluntate se membris eius exhibuit ad occidendum, alioquin Diabolus eum advenire non auderet. Diabolus autem magis attentat aliquem cum est solitarius, quia, ut dicitur Eccl. IV, si quispiam praevaluerit contra unum, duo resistunt ei. Et inde est quod Christus in desertum exivit, quasi ad campum certaminis, ut ibi a Diabolo tentaretur”.

52) Cf. AMICHAH-HAMBERGER, Y.; BEN-ARTZI, E. Loneliness and Internet Use. *Computers in Human Behavior*, v. 19, n. 1, 2003, p. 71-80.

53) Cf. e.g. KUSS, Daria J.; FERNANDEZ, Olatz Lopez. Internet Addiction and Problematic Internet Use: A Systematic Review of Clinical Research. *World Journal of Psychiatry*, v. 6, n. 1, 2016, p. 143-176.

54) Cf. e.g. OSTOVAR, S.; ALLAHYAR, N.; AMINPOOR, H.; MOAFIAN, F.; NOR, M. B. M.; GRIFFITHS, M. D. Internet Addiction and its Psychosocial Risks (Depression, Anxiety, Stress and Loneliness) among Iranian Adolescents and Young Adults: A Structural Equation Model in a Cross-Sectional Study. *International Journal of Mental Health and Addiction*, v. 14, n. 3, 2016, p. 257-267.

é virtual e não *real*. A prova é que há muitas pessoas que se alistam como “amigas” de perfis puramente ficcionais (*fake*).<sup>55</sup>

Analisemos ainda outros dados. Consta que o círculo de amizades em redes sociais possui, em média, 150 indivíduos, número que aumenta entre os jovens e entre as mulheres. No entanto, desse total, apenas quatro deles faria parte do grupo seletivo daqueles amigos aos quais se recorreria em circunstâncias graves (uma crise emocional, por exemplo). E apenas 14 deles pertenceriam ao grupo daqueles que gozam de autêntica simpatia (amizade próxima), ou seja, menos de 10% do total.<sup>56</sup>

Outro paradoxo se encontra no plano afetivo. Dir-se-ia que quanto maior número de pessoas que se conhece, maior é a possibilidade de encontrar a pessoa amada com vistas a contrair matrimônio. Com efeito, o casamento é uma forma não só de combater a solidão, mas de aumentar os círculos de amizade, que sempre começam pela família.<sup>57</sup> Todavia, por um lado, cresce cada vez mais o número daqueles que preferem viver solteiros e, por outro, os divórcios aumentam cada vez mais. As estatísticas indicam que em 2016 houve 2,2 milhões de casamentos na União Europeia e 1 milhão de divórcios, ao passo que a proporção de casamentos diminuiu praticamente pela metade desde 1965, e o número de divórcios duplicou.<sup>58</sup> Nos últimos anos, no Brasil, para cada três casamentos, registra-se, em média, um divórcio.<sup>59</sup> Se a amizade entre cônjuges se deteriora, é óbvio que haverá consequências nas amizades dos círculos familiares.<sup>60</sup> Efetivamente, a história ensina que nenhuma sociedade se sustenta com altos índices de pessoas que vivem sozinhas.<sup>61</sup>

---

55) Cf. PATIL, S. Will You Be My Friend? Responses to Friendship Requests from Strangers. *Proceedings of the 2012 iConference*, Toronto, February 2012, p. 634-635.

56) Cf. DUNBAR, R. I. M. Do Online Social Media Cut through the Constraints That Limit the Size of Offline Social Networks? *Royal Society Open Science*, v. 3, n. 1, 2016, p. 1-9.

57) Cf. JONG GHERVELD, J. de; TILBURG, T.G. van; DYKSTRA, P.A. Loneliness and Social Isolation. In: PERLMAN, D.; VANGELISTI, A. (ed.). *The Cambridge Handbook of Personal Relationships*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 488-489.

58) Cf. EUROSTAT. *Marriage and Divorce Statistics*. Disponível em: <[https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Marriage\\_and\\_divorce\\_statistics](https://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/index.php/Marriage_and_divorce_statistics)>. Acesso em: 22 dez. 2018.

59) Cf. IBGE. *Estatísticas do registro civil*. Disponível em: <[https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc\\_2017\\_v44\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/135/rc_2017_v44_informativo.pdf)>. Acesso em: 22 dez. 2018.

60) A questão é também que muitos casamentos são realizados por finalidades egoísticas e não baseados no verdadeiro amor de virtude, conforme veremos mais adiante.

61) SNELL, K. D. M. The Rise of Living Alone and Loneliness in History. *Social History*, v. 42, 2017, p. 2-28.

Diante desse quadro, pergunta-se por fim: se há tantas supostas amizades, por que elas são tão efêmeras e a solidão tão frequente?

### ***Ser popular ou ser rico significa ter mais amigos?***

Há quem diga que a popularidade é um sinal de grande quantidade de amigos. Na realidade, nem sempre é assim. Antes, a simples popularidade provocada por fatores meramente temporais é com frequência efêmera. De fato, quantos artistas ou personalidades famosas desaparecem de repente de cena e caem em profunda depressão, alegando solidão? Como indicam algumas pesquisas, a própria popularidade pode até ser muito prejudicial para a vida social.<sup>62</sup> Ser popular não significa, pois, ter muitos amigos (e menos ainda ser feliz).

Ora, se a amizade não está baseada na popularidade, qual o seu fundamento?

Conforme já se mencionou, a companhia dos amigos é indispensável para a sobrevivência. A amizade, com efeito, funda-se em certa comunicação.<sup>63</sup> De fato, muitas de nossas indigências são supridas pelo consórcio com os demais.<sup>64</sup> Comparando com a vida solitária, pode-se afirmar com Aristóteles que a amizade é “necessaríssima” para a vida, pois ninguém, em sã consciência, escolheria viver sem amigos, mesmo que possuísse todos os outros bens.<sup>65</sup> Portanto, a riqueza material não pode tampouco fundamentar a amizade. Pois qual seria a utilidade da superabundância de bens se não pudessem ser de alguma forma partilhados? Nem mesmo os nababos crônicos creem que se bastam a si mesmos (até os mais orgulhosos procuram ao menos o agrado dos demais).

Ainda mais, seus bens sequer poderiam ser conservados sem o auxílio de compartes, pois, caso contrário, estariam sempre sujeitos às insídias de inimigos.<sup>66</sup> Não é inútil recordar que os ricos necessitam sempre de outros para a guarda de seu tesouro. Dessa forma, ninguém escolheria viver

---

62) Cf. DIEGO, Miguel A.; FIELD, Tiffany M.; SANDERS, Christopher E. Academic Performance, Popularity, and Depression Predict Adolescent Substance Use. *Adolescence*, v. 38, n. 149, 2003, p. 35-43.

63) Cf. GILLON, L.-B. À propos de la théorie thomiste de l'amitié «fundatur super aliqua communicatione» (II-II, q. 23, a. 1). *Angelicum*, v. 25, n. 1, 1948, p. 4.

64) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, I, 8 (1099a33-1099b2).

65) Cf. *ibid.*, VIII, 1 (1155a3-6); *Sent. Eth.*, VIII, 5 (Leon. 47.2, 457:73-80).

66) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 1 (Leon. 47.2, 443:35-42): “Primo quidem ad usum horum bonorum, nulla enim est utilitas bonorum fortunae si ex his aliquis nulli beneficiat, beneficium autem maxime et laudabilissime

solitário, mesmo que tivesse todos os bens, pois, vale ainda frisar, o homem é um “animal político”. Para ser feliz convém ao homem compartilhar os bens com os demais. Por isso, sempre necessita de amigos,<sup>67</sup> independentemente da condição financeira e em qualquer idade.<sup>68</sup> Para os mais jovens, os verdadeiros amigos ajudam a evitar o pecado; para os mais velhos, os amigos também auxiliam a sustentá-los em sua fraqueza física.<sup>69</sup>

Certamente a amizade é o melhor remédio contra a solidão. Contudo, os amigos nem sempre evitam a vida solitária. Tampouco os bens temporais trazem necessariamente mais ou melhores amigos. Na realidade, a questão é saber *com quem* devemos fazer amizades.

### ***Amizade com quem?***

Entendemos a amizade como o hábito de amor de benevolência recíproco. Apesar de ser hábito, a amizade não é considerada uma virtude, mas sim uma consequência dela.<sup>70</sup> A razão é que a virtude pode subsistir de modo unilateral.<sup>71</sup> Já a amizade existe sempre num contexto social (pelo menos duas pessoas).<sup>72</sup> Seja como for, a verdadeira amizade é sempre fundada

---

fit ad amicos. Secundo ad conservationem talium bonorum, quae non possunt conservari sine amicis, quia bona fortuna quanto est maior, tanto est minus secura, quia habet plures insidiatores”.

67) Cf. *ibid.*, IX, 10 (Leon. 47.2, 536:60-71): “Et dicit quod hoc videtur esse inconveniens quod beatus sit solitarius. Hoc enim est contra communem omnium electionem: nullus enim eligeret ut semper viveret secundum se ipsum, scilicet solus, etsi omnia alia bona haberet, quia homo naturaliter est animal politicum et aptus natus convivere aliis. Quia igitur felix habet ea quae sunt naturaliter bona homini, conveniens est quod habeat cum quibus convivat. Manifestum est autem quod melius est ipsum convivere amicis et virtuosis quam extraneis et quibuscumque. Sic ergo manifestum est quod felix indiget amicis”.

68) Cf. *ibid.*, VIII, 1 (Leon. 47.2, 443:45-47): “[I]n omni fortuna amici sunt necessarii. Sunt etiam necessarii in omni aetate”.

69) *Ibid.*, (Leon. 47.2, 443:47-54): “Quia iuvenibus sunt necessarii ad hoc quod per amicos cohibeantur a peccato, sunt enim secundum se ipsos prони ad concupiscentias delectationum, ut in VII dictum est. Senioribus autem sunt utiles amici ad serviendum propter defectus corporales, et quia deficiunt in suis actionibus propter debilitatem sunt eis amici necessarii ad adiutorium”.

70) Cf. *In Sent.*, III, d. 27, q. 2, a. 2, ad 1; *S. Th.* II-II, q. 23, a. 3, ad 1; *De virt.*, q. 2, a. 2, ad 8.

71) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 5 (Leon. 47.2, 458:138-144): “[N]am in qualibet virtute sufficit actus virtuosus, sed in amicitia non sufficit actus unius, sed oportet quod concurrant actus duorum mutuo se amantium; et ideo Philosophus supra non dixit absolute quod esset virtus, sed addidit: «vel cum virtute», quia videtur aliquid addere supra rationem virtutis”.

72) Sobre a dimensão social da amizade, comenta Ghisalberti: “L’amicizia, per definizione, non è una virtù individuale, ma è proiettata sull’altro, sulla dimensione sociale del vivere dell’uomo; perciò, parlando di intima coesione tra amici, possiamo giustamente vedere affermata in essa l’istanza di armonia tra le persone che collaborano nell’operare, potremmo dire che condividono lo stesso lavoro o

sobre a virtude.<sup>73</sup> Assim mesmo, Aristóteles, ratificado por São Tomás, toma a palavra “amizade” como análoga à virtude da afabilidade.<sup>74</sup> Além disso, como hábito eletivo, a amizade poderia se enquadrar na clássica definição de virtude oferecida pelo Estagirita.<sup>75</sup> Ou seja, ela se encontraria no gênero da justiça, por sua proporcionalidade, ao passo que a própria posse da virtude é entendida como a causa da verdadeira amizade.<sup>76</sup> Além disso, conforme se tratou, a posse da amizade traz já consigo a justiça.

Tomamos a amizade em seu sentido original de *philia*. O Estagirita distingue três classes de amizade: 1) a amizade deleitável, que visa antes de tudo o prazer; 2) a amizade utilitária, que visa o útil por interesse; 3) a amizade honesta (ou virtuosa).<sup>77</sup> As duas primeiras são consideradas apenas amizades *per accidens*, ao passo que a última seria propriamente a verdadeira amizade, cujo vínculo de união é baseado na virtude. De fato, a autêntica amizade é sempre um “consórcio na virtude” (*consociatio in virtute*).<sup>78</sup> A experiência demonstra, ademais, que a amizade composta por hábitos viciosos se enquadra quase sempre no âmbito da hipocrisia. Pois bem, apenas a amizade virtuosa pode ser perfeita. Nesse contexto, pontua Aristóteles que “a amizade perfeita é a dos homens que são bons e semelhantes na virtude”.<sup>79</sup> Para ele, ademais, “é natural que tais amizades [virtuosas] sejam raras”,<sup>80</sup> precisamente porque raros são os homens virtuosos, pois tudo o que

---

gli stessi obiettivi nell’attività fabbrile. In questa ottica che congiunge vita contemplativa, virtù etiche e virtù produttive, è particolarmente pregnante l’indicazione di Tommaso: ‘*Indiget enim homo ad bene operandum auxilio amicorum, tam in operibus vitae activae, quam in operibus vitae contemplativae*’. Il vocabolario della *beatitudo* include l’amicizia o ‘comunione’ nella condivisione della felicità”. Cf. GHISALBERTI, Alessandro. Il compimento della felicità in Tommaso d’Aquino. *Quaestio*, v. 15, 2015, p. 538-539.

73) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 106, a. 1, ad 3.

74) Cf. *S. Th.*, I-II, q. 60, a. 5, co.

75) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, II, 7 (1106b36-1107a2).

76) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 1 (Leon. 47.2, 442:21-26): “[A]micitia autem est quaedam virtus, in quantum scilicet est habitus electivus, ut infra dicitur, et reducitur ad genus iustitiae, in quantum exhibet proportionale, ut infra dicitur, vel saltem est cum virtute; in quantum scilicet virtus est causa verae amicitiae”.

77) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 3.

78) *Sent. Eth.*, IX, 10 (Leon. 47.2, 537:157-158).

79) ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 3 (1156b7-8): Τελεία δ’ ἐστὶν ἡ τῶν ἀγαθῶν φιλία καὶ κατ’ ἀρετὴν ὁμοίων.

80) *Ibid.* (1156b24).



é perfeito em um gênero é raro.<sup>81</sup> Além disso, a verdadeira amizade também requer muito tempo de convívio, baseado no conhecimento mútuo. Meras aparências de amizade, ou o simples desejo, não podem se sustentar como amizade.<sup>82</sup> Ora, segundo o clássico provérbio citado pelo Aquinate, para que dois se conheçam é necessário comer juntos uma certa quantidade de sal.<sup>83</sup> Vale reforçar que nada mais próprio aos amigos do que conviver ou viver juntos (συζῆν).<sup>84</sup> Efetivamente, a amizade é baseada em certa comunicação ou comunhão (κοινωνία),<sup>85</sup> cujo suporte é a sociedade política, que provê os recursos para tais encontros.<sup>86</sup>

Graças à proximidade física, a amizade entre consanguíneos é considerada a mais natural (dentro da família). A força das circunstâncias (mesmo trabalho ou função, por exemplo) traz consigo as amizades na sociedade. Outros amigos ainda os escolhemos na medida em que se conformam conosco: “Querer ou não querer as mesmas coisas (*idem velle atque idem nolle*), só esta constitui a verdadeira amizade”.<sup>87</sup> De fato, os amigos se agradam uns aos outros e nos mesmos interesses.

Contudo, a mera harmonia entre os indivíduos não basta para formar as amizades. É necessário que os amigos sejam virtuosos, conforme a amizade honesta.<sup>88</sup> Em outras palavras, ambos devem ser bons, caso contrário já não mais seria amizade, mas filantropia ou algo semelhante (ou pior, se há

81) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 2 (Leon. 47.2, 452:244-247): “...ostendit praedictam amicitiam esse raram, quod est signum perfectionis, nam perfecta in quolibet genere rarius inveniuntur”.

82) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 3 (1156b29-32).

83) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 2 (Leon. 47.2, 452:244-247): “Quia scilicet amicitia talium indiget longo tempore et mutua assuetudine ut se invicem possint cognoscere et virtuosos et amicos, quia secundum quod dicitur in proverbio, non contingit quod aliqui se invicem cognoscant ante quam simul comedant mensuram salis, non oportet autem quod unus acceptet alium ad hoc quod sit eius amicus ante quam unus appareat alteri amandus et credatur ita esse, et hoc raro contingit. Unde tales amicitiae sunt rariae”. Cf. etiam: ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 3 (1156b26-29).

84) Cf. *ibid.*, 5 (Leon. 47.2, 72): “[N]ihil sic est proprium amicorum sicut convivere”. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 5 (1157b19).

85) ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 9 (1159b31-32).

86) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 9 (Leon. 47.2, 472:10-14): “Omnis amicitia in communicatione quadam consistit; omnis autem communicatio reducitur ad politicam. Ergo omnes amicitiae species secundum politicas communicationes sunt accipiendae”.

87) SALÚSTIO. *Bellum Catilinae*, 20, 4. In: SALLUST. *Bellum catilinae*. 2. ed. J. T. Ramsey (ed.). New York: Oxford University Press, 2007, p. 34.

88) Cf. *S. Th.*, II-II, q. 23, a. 1, ad 3: “Ad tertium dicendum quod amicitia honesti non habetur nisi ad virtuosum sicut ad principalem personam sed eius intuitu diliguntur ad eum attinentes etiam si non sint virtuosos”.

sintonia no pecado, as iniquidades se agravariam ainda mais). Não basta, pois, que apenas uma das partes seja virtuosa.<sup>89</sup> Por isso a reciprocidade de benquerença é indispensável. Nesse contexto, recorde-se que é impossível amizades com seres inanimados ou com animais irracionais, ou até mesmo – na visão aristotélica – com os escravos, pela disparidade com o senhor (o Estagirita os reputava como simples “instrumentos dotados de alma”).<sup>90</sup> Em última análise, uma certa conformidade ontológica é necessária entre os amigos.

O Doutor Angélico ainda esclarece que a “perfeita amizade é imutável e permanente, ao passo que as demais são rapidamente modificadas”.<sup>91</sup> A amizade virtuosa é diuturna (cf. Pr 17,17).<sup>92</sup> Já a amizade sustentada pelo prazer ou pela utilidade perdura enquanto permanece o objeto de amor (de concupiscência). Cessando o prazer ou a utilidade, cessa também a amizade. Na realidade, uma vida de puros prazeres é impossível. Logo, este tipo de amizade é sempre temporário.<sup>93</sup> Com efeito, muitas amizades se dissolvem quando se negligencia a comunicação, a conversa e o convívio.<sup>94</sup> De resto, o amigo autêntico é aquele que quer o bem do amigo por si mesmo e não por um bem efêmero.<sup>95</sup> A amizade é, pois, um bem em si mesma.

São Tomás oferece ainda o exemplo de um indivíduo luxurioso que se apoia nos hábitos pecaminosos dos demais, tratando-os como objeto de prazer. Ou ainda reputando os outros somente sob a mera ótica do lucro, seja por certo vício ou com vistas a uma espécie de recompensa.<sup>96</sup> Contudo, tais pseudoamizades desaparecem quando também se esvai o motivo do desejo. Por conseguinte, aqueles casamentos (que são uma forma de amizade) que visam apenas satisfazer a lascívia ou são realizados por interesses pecuniários raramente perduram, simplesmente porque o amor de amizade mútua é indispensável para a conservação do matrimônio. A amizade é em si mesma

---

89) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 4 (Leon. 47.2, 455:72-84).

90) ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 11 (1161b1-6).

91) *Sent. Eth.*, VIII, 6 (Leon. 47.2, 462:193-195): “Perfecta amicitia est immutabilis et permansiva, aliae autem velociter transmutantur”.

92) Cf. *ibid.*, 2 (Leon. 47.2, 452:274).

93) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 3 (per totum).

94) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 5 (Leon. 47.2, 457:43-46): “Et ideo dictum est in proverbio quod multae amicitiae dissolvuntur per hoc quod unus alium non appellat, id est non colloquitur et convivit alteri”.

95) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 3 (1156b9-10).

96) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 4 (Leon. 47.2, 454:44-57).

desinteressada, na linha de como Jônatas amava Davi: “como a si mesmo” (I Sm 18,1).

Isso não significa, em contrapartida, que as amizades ou os casamentos (como máxima amizade) não deveriam ter qualquer componente de deleite. Pelo contrário, para se alcançar a felicidade nessa terra, requer-se certa quantidade de prazer. Antes de mais nada, “é próprio da amizade que se tenha prazer na presença do amigo”.<sup>97</sup> Contudo, sublinhe-se que os virtuosos aproveitam ainda mais de dito deleite ao conviver com os amigos.<sup>98</sup> De resto, só há autêntico prazer na virtude: “Como homem interior, ponho toda a minha satisfação na Lei de Deus” (Rm 7,22). Em todo caso, a amizade viciosa pode até trazer prazeres temporários, mas jamais trará a felicidade oriunda da virtude.

Ora, essa alegria que o amigo ocasiona é particularmente importante nos momentos de provação e de tristeza, pois eles trazem alívio e consolação.<sup>99</sup> Não se trata, todavia, de uma mútua “idolatria” ou de uma sorte de endeusamento recíproco.<sup>100</sup> Tampouco se pode oferecer bens, ainda que lícitos, que façam perder o amigo, que é um bem maior.<sup>101</sup> Exemplo típico seria dizer uma verdade – que é um bem em si –, a qual o amigo não está preparado para ouvir (e que poderia causar ainda danos maiores para a sua alma).

Dessa forma, quem vive sozinho tem maior dificuldade de levar uma vida prazerosa, pois não tem como participar das alegrias dos amigos, além de possuir menor facilidade para superar as vicissitudes por não encontrar consolação em ninguém. Com efeito, as atividades deleitáveis (ou seja, aquelas que são virtuosas em si mesmas) são mais contínuas junto aos amigos.<sup>102</sup> A autêntica amizade também é útil em si mesma, auxiliando no

---

97) *SCG*, IV, 22, 3: “[A]micitiae proprium quod aliquis in praesentia amici delectetur”.

98) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 5 (Leon. 47.2, 458:96-97): “Maxime possunt virtuosi delectabiliter ad invicem convivere”.

99) Cf. *SCG*, IV, 22, 3.

100) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 7 (Leon. 47.2, 466:157-159): “[V]ult enim maxima bona amicus amico tamquam existenti homini, non tamquam translato ad deos”.

101) Cf. *ibid.* (Leon. 47.2, 466:161-165): “[A]micus vult bona amico non magis quam omnibus aliis, quia unusquisque vult maxime sibi ipsi bona, unde non oportet quod velit amico illa bona per quae ipse perdet amicum, quod est magnum bonum”.

102) Cf. *Sent. Eth.*, IX, 10 (Leon. 47.2, 537:137-149): “Ille autem qui solitarius vivit patitur difficilem, id est gravem, vitam; oportet enim quod interrumpatur sua delectatio, quae operationem consequitur, non enim est facile quod homo secundum se ipsum, id est solitarius existens, continue operetur; sed hoc est facile si cum alteris existat, fit enim quaedam vicissitudo operationum dum ad se invicem bona operantur, et sic continuatur delectatio. Si igitur homo cum amicis moretur, operatio eius quae est

desempenho das atividades que o amigo possa realizar ou aconselhando, por exemplo, naquelas coisas que é incapaz de perceber.<sup>103</sup>

Aristóteles se pergunta se são necessários amigos para alcançar a felicidade. A razão é que alguns autores antigos opinaram que os amigos seriam dispensáveis quando a mencionada autossuficiência fosse alcançada. Aqui se retorna ao princípio anterior, a saber: o homem feliz precisa de (bons) amigos.<sup>104</sup> Mas, quantos exatamente são necessários?

### **Quantos amigos são necessários?**

Se a solidão não é em si mesma desejável, tampouco Aristóteles e São Tomás acreditam que devemos ser amigos de todo o gênero humano. Sem dúvida, tal posição eclética defendida pelos estoicos seria simplesmente infactível. Antes de tudo, porque é impossível conviver com tantas pessoas... de fato, somos limitados a ter apenas certo número de amigos.<sup>105</sup> Ademais, tampouco é factível ser amigo de todo o mundo de modo “virtual”, pelos motivos já apresentados, além de a amizade não poder ficar latente (a benevolência manifesta é própria à amizade).<sup>106</sup> É impossível, portanto, manifestar benquerença para com todas as pessoas.

Mas, como se distinguiria aqueles que são bons amigos?

Em primeiro lugar, é necessária a existência de certa harmonia de desejos entre os amigos (conforme o já mencionado princípio: *idem velle atque idem nolle*).<sup>107</sup> Com efeito, os semelhantes são amáveis em si mesmos.<sup>108</sup> Os parecidos, como se costuma dizer, se atraem (só no magnetismo os polos opostos se atraem...). Nesse sentido, Tomás de Aquino cita um princípio, atribuído a Empédocles, segundo o qual o semelhante deseja o semelhante

---

delectabilis secundum se ipsam, scilicet virtuosa, erit magis continua, et hoc oportet existere circa beatum, ut scilicet continue delectetur in operibus virtutis”.

103) Cf. *ibid.*, VIII, 1 (Leon. 47.2, 443:56-60): “...sunt potentiores et in opere intellectualis speculationis, dum unus videt quod alius videre non potest, et ad opus exterioris actionis, in quo manifeste unus alii auxiliatur”.

104) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, IX, 9 (1169b3-22).

105) Cf. *ibid.*, 10 (1171a2-4).

106) *Sent. Eth.*, VIII, 2 (Leon. 47.2, 446:101-102).

107) Cf. *supra* nota n. 82.

108) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 1 (Leon. 47.2, 444:134; cf. etiam: 156-157): “...simile per se loquendo est amabile”.

(*simile appetit sibi simile*).<sup>109</sup> Assim, a educação comum, por exemplo, e a proximidade da idade, muito contribuem para a amizade.<sup>110</sup> Na realidade, não é natural compartilhar assuntos íntimos com pessoas muito diferentes ou desconhecidas. Com estas só é possível ter benevolência (querer bem), que é distinta da amizade.<sup>111</sup> Contudo, a semelhança não pode ocorrer com base nos defeitos em comum; neste caso, a amizade seria muito prejudicada, pois os amigos poderiam ser levados a apoiar-se uns aos outros nos vícios, como ocorre entre os criminosos (algo na linha daquilo que se chama em francês de *egoïsme à deux*).

O problema na realidade está em encontrar bons amigos (não necessariamente muitos), ou seja, aqueles que são virtuosos, segundo a amabilidade (*φιλία*).<sup>112</sup> Em todo caso, somente os bons são efetivamente amigos, enquanto os demais são apenas por certa semelhança ou analogia (*per accidens*), naquilo que buscam como bem nos outros (o prazer ou a utilidade).<sup>113</sup> O simples interesse destrói a própria razão da amizade, isto é, o amor desinteressado.

Assim sendo, o critério para travar amizades deve ser primariamente a virtude e tudo o que ela traz consigo (a fidelidade, a mansidão, o respeito mútuo, etc.). Na realidade, ninguém melhor que os virtuosos para reconhecer uma amizade virtuosa, pois somente eles têm sabedoria e prudência para discernir um bom amigo. Por isso São Tomás sustenta que os homens excelentes e de grande sabedoria não fazem amizades com pessoas totalmente indignas.<sup>114</sup> O problema se encontra, portanto, no caráter dos homens sem virtude: eles sequer têm amizade para consigo mesmos:<sup>115</sup> como poderão ser amigos de outros? Nessa conjuntura, poder-se-ia sintetizar o presente tema com um aforismo: se queres ter bons amigos, sê primeiro um bom amigo de tua alma, isto é, sê virtuoso.

---

109) Ibid. (Leon. 47.2, 444:155).

110) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 12 (1161b33-34).

111) Cf. ibid., IX, 5 (1166b30-32).

112) Cf. ibid., IV, 6 (1126b19-22).

113) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 4 (Leon. 47.2, 455:136-139): “Unde soli boni sunt simpliciter amici, alii autem sunt amici secundum similitudinem, in quantum scilicet assimilantur bonis”.

114) Cf. ibid., 7 (Leon. 47.2, 465:134-136): “Tertium exemplum ponit de optimis et sapientissimis viris, quibus non fiunt amici illi qui sunt omnino indigni”.

115) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, IX, 4 (1166b25-26).

Mais ainda, nem mesmo os criminosos desejam ser amigos de pessoas perversas. Eles próprios querem que os outros sejam bons em relação a eles (exigindo fidelidade, por exemplo). Convém observar, porém, que quem se faz amigo de homens iníquos, acaba se tornando um deles, conforme o ditado: “Dize-me com quem andas e te direi quem és”. Por isso, somente os homens bons são verdadeiramente amigos. É nesse vínculo perfeito que se evitam certos elementos que abalam as amizades, como a calúnia e a desconfiança.<sup>116</sup> Pois nem sequer os malfeitores desejam ser traídos ou serem objeto de infidelidade. Na realidade, a amizade entre os maus é perversa, pois contribui para difundir ainda mais o mal: “Há amigos que levam à ruína, e há amigos mais queridos do que um irmão” (Pr 18,24). Só a amizade fraterna leva seus membros à perfeição.<sup>117</sup>

Para São Tomás, há ainda dificuldade de travar amizades com indivíduos muito idosos ou com pessoas duras de coração. A razão é que o prazer é um componente da amizade e ninguém suportaria conviver por longo tempo com quem só causa tristeza.<sup>118</sup> Com efeito, sobretudo no segundo gênero de pessoas, é difícil conservar a amizade, pois tendem a seguir seus próprios caprichos. Tampouco se alegram em conversar com os outros, pois ao mesmo tempo que estão voltados para si mesmos, desconfiam dos demais. Ora, como se sublinhou, a amizade exige a concórdia e o colóquio entre os amigos.<sup>119</sup> Não é possível fazer, pois, amizade com aqueles que não gostam de conviver ou dialogar, como no caso dessas pessoas duras, naturalmente briguentas e mordazes em suas ações.<sup>120</sup> Para com estes é possível ter apenas amor de caridade, que se estende até mesmo para os pecadores, amando-os por amor de Deus.<sup>121</sup>

---

116) Cf. *ibid.*, VIII, 4 (1157a18-24).

117) Cf. *ibid.*, IX, 10 (1172a8-11).

118) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 5 (Leon. 47.2, 457:47-60).

119) Cf. *ibid.*, 6 (Leon. 47.2, 460:9-17): “[I]n hominibus severis et senibus tanto minus fit amicitia quanto magis sunt discoli, quia scilicet de se ipsis praesumentes sensum suum sequuntur et ideo cum aliis concordare non possunt; minus etiam gaudent colloquiis aliorum, tum quia sibi ipsis intendunt, tum propter suspicionem quam de aliis habent; ista autem maxime videntur esse amicitiae opera et causativa ipsius, scilicet concordia et colloquium amicorum”.

120) Cf. *ibid.*, 6 (Leon. 47.2, 460:21-24): “[N]on enim possunt fieri amici illis de quorum convictu et colloquio non gaudent, et eadem ratio est de severis, qui scilicet sunt litigiosi et mordaces eorum quae ab aliis aguntur”.

121) Cf. *S. Th.* II-II, q. 23, a. 1, ad 3.

Em conclusão, não é possível amar com perfeita amizade muitos amigos, como não é possível se apaixonar por muitas pessoas ao mesmo tempo.<sup>122</sup> Da mesma forma, do ponto de vista conjugal, o matrimônio se dá apenas com uma pessoa amada, pois é impossível retribuir muitas pessoas com amor superabundante (próprio ao casamento) ao mesmo tempo.<sup>123</sup> Ademais, muitos amigos impediriam que se tivesse experiência comum (convívio).<sup>124</sup>

Por fim, é impraticável alegrar-se e condoer-se de modo conveniente com muitas pessoas ao mesmo tempo.<sup>125</sup> Portanto, não convém ter mais amigos do que o possível, mas em número suficiente para a convivência natural. De fato, é simplesmente quimérico ser amigo de muitos indivíduos.<sup>126</sup> Com efeito, quem procura ser amigo de todos acaba não sendo amigo de ninguém.<sup>127</sup> Os bons amigos são poucos, pois se exige reciprocidade, mas é ilimitado o número daqueles que posso amar com amor de caridade, uma vez que este jamais acabará (cf. I Cor 13,8).

### **Conclusões**

Retomando cada uma das perguntas enunciadas, chega-se às seguintes conclusões:

1) O naturalismo da amizade é radicado no próprio instinto de sociabilidade. A amizade, portanto, não é um construto da sociedade, embora esta favoreça na formação dos amigos.

2) Sem as amizades não existem cidades e vice-versa. As amizades são condição para a formação das sociedades.

3) A solidão não é um meio ordinário para se adquirir a perfeição. Se assim o fosse, o homem não teria o dom natural da linguagem; bastaria que ele vivesse segundo suas próprias paixões.

4) Há dois gêneros de pessoas para as quais se admite a vida totalmente solitária: os incapazes de viver em comunidade (devido a uma índole

---

122) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, VIII, 6 (1158a10-12).

123) Cf. *Sent. Eth.*, VIII, 6 (Leon. 47.2, 460:52-53): “[N]on contingit quod unus homo simul multas mulieres superabundanter amet”.

124) Cf. *ibid.* (Leon. 47.2, 461:69-74).

125) Cf. ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea*, IX, 10 (1171a7-8).

126) Cf. *ibid.* (1171a8-11).

127) Cf. *ibid.* (1171a15-17).

praticamente selvagem); e certos homens perfeitos destinados a uma missão especial de Deus a viver no deserto.

5) Possuir muitos amigos em redes sociais não significa ter necessariamente muitos amigos na vida real. Antes, dá-se frequentemente o contrário. Amigos virtuais nem sempre são reais.

6) O convívio é indispensável para a conservação das amizades.

7) Maior popularidade tampouco significa maior número de amigos. Com frequência, a popularidade é efêmera. O fundamento da amizade é a própria amizade, como um bem em si mesmo (desinteressada).

8) Portanto, somente as amizades virtuosas podem ser consideradas amizades autênticas. As amizades por interesse destroem o seu próprio fundamento.

9) É impossível ser amigo de grande número de pessoas. Aqueles que buscam um número exagerado de amigos (mormente pelas redes sociais) acabam por não serem verdadeiramente amigos de ninguém.